A ESTRUTURA TEMÁTICA E O FLUXO DE INFORMAÇÃO NA TRADUÇÃO DA LÍNGUA JAPONESA PARA O VERNÁCULO[1]

Sonia Regina Longhi Ninomiya[2]

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar a Estruturação Temática na tradução da língua japonesa para o vernáculo tendo por base o conto *Kami* de Yasunari Kawabata e sua tradução para a língua portuguesa *O cabelo*. A pesquisa é desenvolvida na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday (1994, 2004), que credita à organização textual a principal responsabilidade pelo desenvolvimento da informação, e no conceito de ondas de informação e de periodicidade preconizadas por Martin e Rose (2003) para a análise do fluxo de informação que organiza o discurso, tanto no conto original quanto na sua tradução.
Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional; estrutura temática; tradução; língua japonesa.

Abstract: The purpose of this article is to present how the Thematic Structure occurs in the translation of Kawabata Yasunari's short story *Kami* from Japanese language to Portuguese (*O cabelo*). Drawing upon Halliday (1994, 2004), who ascribe to textual organization the main responsibility for information development and upon the concept of waves of information and periodicity of Martin & Rose (2003), the flow of information was analyzed in order to find out how it organizes discourse in the original text and in its translation.
Keywords: Systemic-Functional Linguistics; Thematic Structure; Translation; Japanese Language.

---

1. O presente artigo foi elaborado como um dos requisitos (artigo de área complementar) para a obtenção do grau de doutor em LAEL pela PUCSP. Submetido à banca competente, foi aprovado em setembro de 2010.

2. Docente da Faculdade de Letras da UFRJ, Departamento de Letras Orientais e Eslavas, Setor de Letras Japonesas. Doutoranda do Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUCSP.

1. Introdução

Examinar a tradução estritamente como fenômeno linguístico, focando a análise nas estruturas da língua-fonte e língua-alvo, implica manter uma visão estreita da tradução (PAGANO e VASCONCELOS, 2005). Presentemente, a tradução é abordada como um fenômeno que vê a língua em uso em seu contexto social e cultural. Nesse sentido, a aplicação da teoria da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1964,1994, 2004), que propõe a análise linguística nesses parâmetros, vem transformando os estudos da tradução.

Desde o início do desenvolvimento de sua teoria, Halliday tem mostrado interesse em tradução (1964, 1994). Outros linguistas, bem como teóricos dos estudos de tradução, têm se servido da LSF para explicar fenômenos da tradução (CATFORD, 1965; MATTHIESSEN, 2001; HATIM & MASON, 1990; BAKER, 1992; MUNDAY, 2002, dentre outros). Também no campo da análise da tradução literária, a LSF tem sido muito usada como apontam Vasconcellos e Pagano (2005), que resgatam pesquisas realizadas entre 1998 e 2005 com a tradução literária do inglês para o português e vice-versa, em projetos e programas desenvolvidos na UFMG e na UFSC. Contudo, em minhas pesquisas, não logrei encontrar, até o presente momento, trabalhos que tratem da tradução, literária ou não, de língua japonesa para a língua portuguesa sob o enfoque funcional. Foram encontrados alguns artigos de Thomson (1998, 2005) e Sasaki (1996) que tratam da realização do Tema na língua japonesa, e livros que discutem a estruturação temática da língua contrastivamente com a língua inglesa (FUKUDA, 2006), mas não abordam o assunto sob o aspecto da tradução.

Tendo por base a LSF, este trabalho examina um conto do escritor japonês Kawabata Yasunari (1899-1972) e sua tradução para o português brasileiro. Esse estudo é parte de uma pesquisa maior, cujo foco é a tradução literária de contos da literatura japonesa para o vernáculo. O gênero literário conto foi escolhido por ensejar a coleta de dados de muitos textos do mesmo gênero, o que poderá, dependendo dos resultados da análise, indicar um padrão de resposta linguístico-funcional para tal gênero. O corpus foi selecionado a partir de traduções para o português, feitas diretamente da língua japonesa e existentes no mercado editorial brasileiro.

O interesse da pesquisa se deve à importância do conhecimento da estrutura Tema-Rema de línguas outras além do inglês, para lançar luzes sobre questões conceituais e sobre diferenças na realização dessa estrutura em várias línguas. É um assunto fundamental também para aprendizes de língua japonesa, bem como para tradutores, pois o conhecimento da Estruturação Temática, responsável pela organização e estruturação do texto, contribui positivamente para a produção de texto, para a leitura e a compreensão e para uma eficaz organização do discurso na língua alvo.

Halliday & Matthiessen (2004) afirmam que as línguas têm diferentes maneiras de expressar a proeminência na oração. Línguas de tipologias diferentes,

como o português e o japonês, quando contrastadas na tradução podem oferecer interessantes questões sobre a proeminência na oração e seu efeito no fluxo de informação.

Para melhor analisarmos a questão, traço, a seguir, um rápido panorama da língua japonesa.

A estrutura sintática da língua japonesa é Sujeito-Objeto-Verbo (SOV) e a ordem dos sintagmas na oração é relativamente livre. Segundo Martin (2003, p.36), a ordem neutra da cadeia sintagmática à esquerda do núcleo do predicado, traz o Objeto como elemento semanticamente mais próximo do sintagma predicado. A característica aglutinante da língua japonesa faz com que os sintagmas sejam sintaticamente marcados por morfemas posposicionais. No exemplo (1), podemos observar o espelhamento da estrutura sintática das línguas em questão:

(1) *Gakusei ga jisho de kotoba o shirabeta.*
estudante GA dicionário DE vocábulo O pesquisar Pass.inf. [3]
(1') O estudante pesquisou o vocábulo no dicionário.

Diferentemente da língua portuguesa, não há na língua japonesa marca de número ou gênero gramatical. O verbo não tem conjugação e pessoa, mas flexiona-se, dependendo do propósito continuativo. O predicado pode ser um grupo verbal, nominal ou adjetival. A modalidade discursiva é marcada à direita do predicado. Assim, os morfemas modalizadores finais e certas formas do verbo e do adjetivo veiculam a atitude subjetiva do falante.

(3) *Hayaku modotta hô ga ii kamo shirenai n da keredomo ne.*
rápido voltar+ EXPCT PROB EXP inf. mas CONF
(Talvez fosse melhor voltar rapidamente, não é mesmo.)

Como pode ser visto no exemplo (3), a modalização sugerida pela expectativa, pela probabilidade e a negociação estão à direita do predicador.

Há na língua japonesa um sistema intrincado de linguagem de tratamento que se reflete sobre o predicado. As suas abundantes formas linguísticas, gramaticalizadas, semanticamente se equivalem, mas operam diferentemente na metafunção interpessoal. Assim, em um nível neutro, *escrever* é *kaku*, mas para mostrar deferência para com o interlocutor, quando este escreve, torna-se *o-kaki-ni-naru*. Para demonstrar humildade perante o interlocutor, quando o falante escreve, o verbo passa a ser *o-kaki-suru*. Para expressar a deferência em relação aos ouvintes, são

---

3. Os morfemas *GA*, *DE* e *O*, indicam, respectivamente [o Sujeito,o Instrumento e o Objeto Direto] o nominativo, o locativo e o acusativo. Ver **Notações Morfológicas**, Anexo 1, para as abreviações usadas.

usados os auxiliares verbais *desu* e *masu*. A deferência se estende aos nomes por meio de prefixos e sufixos. Assim, o livro do interlocutor será *go-hon*, o trabalho *o-shigoto* e seu filho *musuko-san*.

Quando da tradução para o vernáculo, podemos pensar que não apenas o espelhamento linguístico, mas também a modalização e a linguagem de tratamento possam configurar-se em interessantes questões a serem consideradas.

O presente estudo tem como suporte teórico-metodológico os pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday e sua extensão, no que diz respeito à língua japonesa, discutidos pelo sistemicista Teruya (2007) para a análise da estruturação temática dos textos. O estudo também se servirá do conceito de ondas de informação e de periodicidade de Martin e Rose (2003) para a análise do fluxo de informação na organização do discurso no conto original e na sua tradução.

Assim sendo, o objetivo dessa pesquisa é conhecer a Estruturação Temática e como o fluxo da informação se organiza no tipo de discurso literário, que é o conto, em língua japonesa e na sua tradução para o vernáculo.

Para discutir o assunto, inicio com a apresentação da fundamentação teórica, oferecendo a seguir uma visão geral da realização de Tema na língua japonesa, para, então, abordar a questão do gênero literário conto e de como se realiza a Estruturação Temática e a Periodicidade do conto em pauta e de sua tradução.

2. Linguística Sistêmico-Funcional: A metafunção textual

Segundo Halliday (1994), entre outras estruturas que compõem, simultaneamente, uma oração, a Estrutura Temática é a que lhe imprime o caráter de mensagem e a organização potencial de seus constituintes serve para expressar diferentes propósitos.

Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que as línguas têm diferentes modos de expressar a proeminência em uma oração e que as línguas anglo-germânicas e românicas colocam essa proeminência na primeira posição e essa posição recebe o nome de Tema. Tema é, para Halliday, o elemento que funciona como ponto de partida da mensagem, sendo identificado como o elemento que aparece em posição inicial na oração, indicando sobre o que é a mensagem. O desenvolvimento do Tema se dá no Rema.

Halliday (1994) propõe três tipos de Tema: (1) Tema topical ou experiencial, que pode ser o participante, o processo ou a circunstância do sistema de transitividade da metafunção ideacional; (2) Tema interpessoal, que pode ser um vocativo, um adjunto modal ou um marcador de *mood*; e (3) Tema textual, que pode ser continuativo (sinalizadores discursivos como bem, agora, sim, etc.), estrutural (obrigatoriamente temáticos: conjunções tais como: e, para que, nem, enquanto,

e pronomes relativos) ou conjuntivo (adjuntos conjuntivos, tais como: isto é, em outras palavras, pelo menos, etc.).

O Tema é classificado em não-marcado quando coincide com o sujeito da oração e marcado nos demais casos. O Tema pode ser, ainda, simples ou múltiplo, quando constituído de elementos que se configuram como Tema textual, interpessoal e topical, organizados nessa ordem, se forem todos configurados.

Os trabalhos da Escola de Praga influenciaram Halliday na formulação de sua teoria no que diz respeito à noção de Tema e Informação. Conforme apontado por Fries (1995), os sistemicistas, dentre eles Halliday, separam a noção do que é Dado/Novo (Estrutura Informacional) da noção do que é o "ponto de partida da mensagem" ou Tema (Tema/Rema, Estrutura Temática). Essa separação se deve ao fato de considerarem que Tema pode ser constituído, também, por informação nova.

Martin (1992) observa que o Tema é orientado do falante/escritor e o Novo é orientado a partir do ouvinte e que, portanto, essas duas categorias devem produzir resultados comunicativos diferentes.

É de Fries (1981, 1994) a nomeação das duas posturas frente à definição de Tema: "*combining approach*" (preconizada pela Escola de Praga) e "*splitting approach*" (preconizada pelos linguistas sistêmico-funcionais).

Partindo da teoria de Halliday, Teruya (2007) faz um estudo da lexicogramática da língua japonesa e propõe algumas adequações. Para o autor, o pico da proeminência temática da oração é o elemento destacado pela marca morfológica *wa*, posposta a um grupo nominal, e geralmente colocado no início da oração. Se outras classes de palavras operam como ponto de partida da mensagem, serão realizadas por meios alternativos de expressão (conjunções, advérbios, etc.) e não necessariamente marcados por *wa*. Portanto para o autor, a marca *wa* não é a única maneira de tematizar elementos na oração.

Por outro lado, Teruya propõe o Sistema de Informação como complementador do sistema de Tema. Ou seja, segundo o autor, o fluxo de informação é organizado com referência ao valor de novidade que um elemento traz para o contexto. O Novo é marcado por *ga* e o Dado por *wa*. Esses dois sistemas, conjuntamente, criam o fluxo informacional do texto que se realiza através de diferentes meios de expressão – sequencial, segmental e entonacional (TERUYA, 2007, p. 71-72). Assim, a função Textual do discurso caracteriza-se pelo fluxo da mensagem criado pela continuidade, pela recuperabilidade ou pela referencialidade de uma dada informação, através de diferentes métodos de desenvolvimento textual atuantes no discurso.

Teruya (2007) ainda ressalta o fato de que os diferentes elementos que compõem os Temas textuais, interpessoais e experienciais na língua japonesa ocorrem tipicamente na primeira posição de maneira similar à da língua inglesa, pois, um Tema textual realizado por uma conjunção inerentemente temática ou

por um continuativo em posição inicial na oração sinaliza uma relação de coesão entre o que foi dito e o que será dito no discurso. Contudo, o autor aponta que há elementos em japonês que, embora caracteristicamente temáticos, podem ocorrer em outras posições na oração, como, por exemplo, o vocativo (2007, p.83), o que acontece na língua portuguesa também.

O autor, propõe ainda a noção de Tema absoluto como um elemento contextualizador, realizado por um grupo nominal marcado por *dewa* que não tem função na estrutura da transitividade da oração, ou seja, é diferente do elemento que serve como locativo e vem marcado por *dewa*. E propõe, também, a noção de "foco da informação", marcado por outros morfemas discursivos, tais como *mo* (também), *dake* (apenas), *demo* (mesmo), *made* (até), *koso* (sim, isso sim).

Em resumo, para Teruya, o Tema na língua japonesa se estende até e inclui o elemento marcado por *wa* ou outro morfema discursivo temático, gerando, com frequência um Tema topical duplo.

Em outra perspectiva, Mukai (2003) se preocupa com a Estrutura Informacional e se serve da "*combining approach*" para tratar do morfema *wa* da língua japonesa, do ponto de vista semântico-funcional e pragmático-discursivo. O autor relaciona a função de tópico sentencial e de tópico contrastivo com a Estrutura Informacional aportada pelo morfema *wa*. Segundo Mukai, a informação dada constitui tópico sentencial, enquanto que o tópico contrastivo pode ser realizado com informação nova ou informação dada. Seu estudo aponta, ainda, que o nível pragmático-discursivo de *wa* é também importante fator de análise, pois a contrastividade e o pseudotópico sentencial[4] detectam a atitude subjetiva do falante/escritor, imprimindo suas intencionalidades no discurso.

2.1. A periodicidade

Martin & Rose (2003) afirmam que no discurso existe algo que se assemelha à Estruturação Temática. Segundo eles, a informação textual é veiculada em ondas, responsáveis pelo fluxo da informação. O pico da onda sinaliza a proeminência informacional, ou seja, o Tema e a parte menos proeminente da onda sinaliza o novo, que constitui o Rema. Afirmam, ainda, que a organização de um texto segue uma periodicidade que torna o texto previsível e, portanto, inteligível enquanto texto.

O fluxo de informação é construído no texto por um grupo de Temas. Eles servem de pano de fundo para o que virá. Assim, os autores sugerem que sejam chamados **hipertemas** os Temas que predizem o que está por vir no parágrafo e os que predizem ondas maiores de informação, sejam chamados de **macrotemas**.

---

4. A noção de 'pseudotópico' se liga à de 'pseudoinformação' preconizada por Mathesius (1939, apud Daneš, 1987) e diz respeito às informações novas que o falante/escritor introduz, pragmaticamente motivado, como Dado.

Para entender como a informação flui em ondas no texto, podemos observar, a título de exemplificação, que o título do conto, *O cabelo,* serve como macrotema do conto, pois a história é sobre uma cabeleireira que refaz o penteado das moças, em cujas casas os soldados se hospedarão, e o lucro com o refazer dos penteados é o responsável pelo desfecho do conto. Serve, também, como macrotema das três ondas que compõem o conto. A Onda 1, tem dois hipertemas, as moças, que vão refazer seus penteados, e os soldados, que chegarão na aldeia.

2.2. A realização do Tema na língua japonesa

Pela LSF sabemos que Tema não é um elemento realizado ao acaso, mas sim que a escolha feita para configurar este elemento evidencia um propósito comunicativo. Contudo, a primeira posição na oração, conforme preconiza Halliday (1994), não significa necessariamente que o elemento seja Tema. Diferentes línguas têm maneiras diversas de expressar o Tema e a língua japonesa é uma delas. Muitos teóricos (HALLIDAY, 1994; TERUYA, 2007; FUKUDA, 2006, dentre outros) têm apontado o morfema *wa* como marcador de Tema em japonês. O gramático Mikami Akira (1960) já enfatizava essa função do morfema *wa*.[5]

Observando os exemplos abaixo,

<25> *Keshôshitsu e iku shôjo no akarusa wa shônen o mo akaruku shita.*(A)[6]
toucador E ir INF menina NO alegria WA menino O também alegria fazer Pass.inf.
(A alegria da garota ao se dirigir ao toucador alegrou-o também.)

<02> *Omote ni kakedashita shôjo wa shônen no kasa o mite hajimete*, (A)
frente NI sair correndo Pass.inf. menina WA menino NO guarda-chuva O ver SUSP pela primeira vez,
(A garota, que saíra correndo de casa, só se deu conta disso ao ver o guarda-chuva do garoto.)

podemos dizer que quando houver um sintagma complementizador, este antecederá o nome modificado. Assim, *omote ni kakedashita* da oração <02> e *keshôshitsu e iku* da oração <25> modificam o nome *shôjo*. Na oração <02> o nome vem posposto

---

5. Para Mikami (1960), *wa* tem a função *honmu* (principal), que correlaciona as duas partes de uma sentença (x *wa* y.) e a função *kenmu* (correlata), que é a de substituir morfemas de caso, tais como *ga* (nominativo), *o* (acusativo), *ni* (dativo/locativo), *no* (possessivo).

6. O corpus de análise desta seção é constituído pelos contos *Kami* (O cabelo), escrito em 1927, e *Amagasa* (O guarda-chuva), escrito em 1932, por Yasunari Kawabata (1899-1972), que compõem a coletânea **Tenohirano Shôsetsu** (Contos que Cabem na Palma da Mão). Os exemplos identificados por (A) são do conto *Amagasa*, os por (K) são do conto *Kami*. A numeração entre parênteses nos exemplos corresponde à numeração das orações segmentadas para a análise. Os exemplos não identificados são de autoria própria.

pelo morfema *wa* e na oração <25> *shôjo* forma um Grupo Nominal topicalizado, *shôjo no akarusa wa* e esses elementos é que constituem o Tema em si.

Podemos dizer, portanto, que diferentemente do inglês, língua de partida da teoria de Halliday, a posição linear na oração em japonês não se mostra crucial para a Estruturação Temática. A marca morfológica *wa* é mais importante do que a linearidade (FUKUDA, 2006, p. 137-138).

No exemplo seguinte, podemos observar dois Temas topicais. O primeiro é uma circunstância, sem marca temática, realizada pela oração reduzida e o segundo um participante, marcado pelo morfema *wa*.

<27> Shashin'ya o deyôtoshite, shônen wa kasa o sagashita.(A)
estúdio fotográfico O sairVol SUSP menino WA guarda-chuva O procurar Pass.inf.
(Ao sair do estúdio fotográfico, o garoto procurou o guarda-chuva.)

A linguística japonesa (KUNO, 1973; FUKUDA, 2006) considera que elementos que podem ser Tema são Grupos Nominais ou seus equivalentes. Contudo, o morfema *wa* pode ser posposto, também a outros grupos, como em <26>

<26> *Sono akarusa no ato de, futari wa atarimae no koto noyouni,*
essa alegria NO depois DE dois WA natural GEN coisa COMP
mi o yosete nagaisu ni suwatta. (A)
corpo O aproximar SUSP sofá NI sentarPass.inf.
(Depois de sentirem essa alegria, os dois sentaram-se juntos no sofá com toda naturalidade.)

cujo primeiro Tema poderá, também, ser posposto por *wa*: *sono akarusa no ato de wa*. Contudo, nesse caso, o efeito será de imprimir ao Grupo uma força contrastiva e não a constituição de um Tema "neutro" (FUKUDA, 2006, p. 136).

Os exemplos nos mostram que, em japonês, circunstâncias temporais, modais ou espaciais são comuns em Temas múltiplos e primeira posição. Além disso, podemos observar que Temas realizados por circunstâncias podem ou não vir marcados por *wa*.

<05> *Kakkô no warui momoware ga atarashiku sorotta sono yo,*
estilo NO ruim pêssego partido GA novo estar uniformizadosPass.inf. essa noite
heitai ga icchûtai kono mura ni tsuita. (K)
soldados GA uma companhia essa aldeia NI chegarPass.inf.
(Na noite em que os já desfeitos penteados estilo *momoware* foram todos refeitos a companhia de soldados chegou a esta aldeia.)

Na oração <5> vemos dois Temas topicais, o primeiro indicando uma circunstância temporal sem a marca tematizadora do morfema *wa* e o segundo indicando um participante, marcado por *ga*. A circunstância, neste caso, não admite a marca *wa*. Se acrescentássemos algum morfema, este seria o morfema indicativo do caso locativo *ni*. Contudo, a força locativa da circunstância se basta sem o morfema de caso. O participante vem marcado por *ga*, indicando informação nova.

Temas textuais também em japonês ocupam a primeira posição na oração, como podemos ver no exemplo seguinte:

<09> *Sorede musumetachi wa nantonaku kami o yû ki ni natta no darô*. (K)
Por isso as moças WA sem motivo aparente cabelo O pentear tornar Pass.EXP CONJ
(Por isso, as moças, sem bem saber porque, foram pentear-se.)

Assim, podemos dizer que a organização textual da oração enquanto mensagem, também nos mostra que o início da oração é o domínio da proeminência textual e que há uma orientação temática mostrando a tendência de ter em posição inicial expressões de circunstância e tempo (TERUYA, 2007; FUKUDA, 2006).

A oração <17>, apresentada a seguir, traz dois elementos experienciais: o primeiro, *koko ni mo*, expressa uma circunstância de lugar marcada por *ni mo* e o segundo um participante marcado por ga (outra aldeia, outras moças, configurando informação nova).

<17> *Koko ni mo yama no musumetachi ga ippai atsumatteiru*. (K)
aqui NI MO montanha NO moças GA muitas reunir SUSP.ASP inf.
(Aqui também, as moças da aldeia estavam reunidas em grande número.)

Para Halliday (1994), o Tema contém um, e apenas um elemento experiencial, ou seja, constitui Tema da oração o primeiro constituinte da transitividade, ou o participante, ou a circunstância ou o processo. Contudo, Teruya (2007, p.114) aponta que o Tema na língua japonesa, além da posição, inclui o elemento marcado por *wa/ga* e acrescenta que outros morfemas, que carregam várias conotações discursivas como *mo* (também), *sae* (até mesmo), *dake* (apenas), dentre outros, também marcam Tema.

De acordo com Halliday, poderíamos ter na oração <17> um Tema topical – *koko ni* (aqui) – e um Tema textual – *mo* (também). Porém, seguindo Teruya, teríamos um Tema topical – *koko ni mo* – expressando o foco da informação (nessa aldeia também acontece a mesma coisa) e um Tema topical realizado por um participante – *yama no musumetachi ga*.

O predicador também aparece como Tema em nosso corpus. Trata-se de uma oração cujo verbo está na forma infinitiva negativa, configurando uma declaração conclusiva com valor discursivo negativo.

<22> *Fuzakerunai*. (K)
troçar INF. NEG.
(Não me goze!/ Não brinca!)

Pode-se confirmar pelos exemplos do corpus a ocorrência de informação nova configurando Tema topical, cuja marca morfológica passa a ser *ga*, como pode ser observado nos exemplos:

<01> *Hitori no musume ga kami o yuô to omotta*. (K)
uma NO moça GA cabelo O pentear VOL TO pensar Pass. inf.
(Uma moça resolveu fazer o cabelo.)

<03> *Sono musume wa kamiyui no ie ni itte odoroita*. (K)
essa moça WA cabeleireira NO casa NI ir SUSP espantar Pass inf.
(Essa moça, indo à casa da cabeleireira, espantou-se.)

Quando introduzida pela primeira vez, musume vem marcada por ga, em seguida, como informação dada, passa a ser marcada por wa.

2.3. A ordem das palavras e a Estruturação Temática

A ordem das palavras na oração tem relação direta com a tipologia da língua em questão e se reflete na questão de o Tema ser ou não Tema marcado.

Por exemplo, na língua inglesa a ordem típica das palavras é 'Participante^Processo^Participante^Circunstância' e o primeiro elemento tende a coincidir com o Tema. Assim, se dissermos

(4) *Taro gave Hanako a book yesterday*.

o ator Taro é o ponto de partida da mensagem, configurando um Tema não marcado na língua inglesa. Se o elemento que denota circunstância – *yesterday* – for tematizado, vindo em primeira posição, o Tema *yesterday* será um Tema marcado.

Contudo, na língua japonesa as palavras se estruturam em outra ordem. Teruya (2007) aponta que a ordem típica na língua japonesa é 'Circunstância^Participante^Participante^Processo'.[7] Assim, se nos servirmos da teoria de Halliday para analisarmos a língua japonesa, vendo o Tema como a primeira posição, teríamos Temas marcados configurados pela Circunstância, como regra geral, em detrimento de Temas não-marcados configurados por Participante. Podemos pensar, ainda, que seria natural que uma oração configurasse como ponto de partida

7. Mikami (1960) já apontava que os elementos marcados pelos morfemas de caso *ni* e *kara* indicando tempo e lugar podem vir antes do elemento marcado por *ga*.

algo sobre o Participante, que fosse mais forte do que aquilo que a Circunstância quer mostrar em termos de transitividade. Seria, então, natural, que na língua japonesa o Tema se estendesse além da Circunstância, tematizando o Participante com morfemas específicos que caracterizem o Tema.

Muitos linguistas vêm se debruçando sobre a questão de o Tema ser marcado ou não-marcado e a questão suscita controvérsias. Embora não seja o objetivo deste artigo, o estudo de diferentes tipologias linguísticas contribuiria para lançar luzes à questão.

Assim, diferentemente do que propõe Halliday (1994), o Tema na língua japonesa se estende pelos segmentos que antecedem o morfema tematizador, sem a limitação do "até o primeiro elemento da transitividade"

2.4. Tema e elipse

A língua japonesa, em geral, omite a referência à primeira e à segunda pessoa do discurso, porém essa informação é recuperável. A terceira pessoa surge no discurso explicitada, geralmente, por nome.

(5) *kesa sûpâ ni itta.*
esta manhã supermercado NI ir Pass. inf.
(Esta manhã fui/foi ao supermercado.)

(6) *Sensei wa hon o arawashita.*
professor(a) WA livro o publicar Pass. inf.
(O/A professor/a publicou um livro.)

No corpus analisado, chama atenção a farta ocorrência de Temas topicais elípticos no conto, o que é apontado por Teruya (2007) como uma característica da língua japonesa de só retomar o Tema explicitamente quando a sua cadeia de referencialidade for quebrada.

Por exemplo, em dado trecho do conto *Kami* os Temas topicais configurando participantes serão realizados pelo grupo nominal *kamiyui* (*a cabeleireira*), que vem marcado por *wa*, pois já é Dado (informação nova no Rema da oração <03>) ou são elípticos. Conforme Teruya (2007, p.118), o Dado é sempre opcional, o que leva o Tema das orações seguintes, 12 e 13, serem elípticos.

<11> *Shikashi, guttari tsukareta kamiyui wa,*
mas completamente cansar Pass cabeleireira WA
kore de yokkakan wa marude himada to omotta. (K)
isso DE quatro dias WA totalmente folga Fin inf TO pensar pass inf.

(Mas, a cabeleireira, completamente exausta, pensou que com isso teria uns quatro dias de folga.)

<12> Hataraita ato no tanoshii kimochi de,[Ø] heitai to onaji asa
trabalhar Pass depois NO alegre sentimento DE soldados TO mesma manhã
onaji yama o basha ni yurarete otoko ni ai ni itta. (K)
mesma montanha O charrete NI balançar SUSP homem NI encontrar SUSP NI ir Pass inf.

(Com a alegre sensação de ter trabalhado, [Ø] foi encontrar-se com seu homem, balançando na charrete, na mesma manhã e pelo mesmo caminho da montanha (usado) pelos soldados.)

<13> *[Ø] yama mukô no sukoshi ôkii mura ni tsuku to,*
[Ø] montanha além NO pouco grande aldeia NI chegar Cond. TO
sono mura no kamiyui ga itta. (K)
essa aldeia NO cabeleireira GA dizer Pass inf.

([Ø] chegando à aldeia um pouco maior, além da montanha, a cabeleireira daquela aldeia lhe disse.)

O morfema *wa* é tido por muitos gramáticos japoneses como um morfema de "longo alcance", estendendo sua função modalizadora até o *modus*, modificando-o (por exemplo, WATANABE, 1971). O alcance de *wa* pode ultrapassar a oração, daí que o Tema só voltará a ser explicito quando diferir do anterior.

É interessante notar que na língua japonesa, embora linguisticamente não haja marcas de pessoa no verbo, um intrincado sistema de linguagem de tratamento marca o verbo em seu aspecto discursivo, de forma a facilitar a inferência gramatical do sujeito. Assim sendo, podemos dizer que a omissão do sujeito em língua japonesa é a regra e não a exceção (HORI, 1995). Contudo, Teruya (2007) analisa como elíptico o sujeito não explicitado na oração.

A elipse do sujeito na língua japonesa é um traço também observável na língua portuguesa.

2.5. Tema na língua portuguesa

Os estudos encontrados sobre o assunto mostram que a teoria da LSF pode ser aplicada com certa tranquilidade à análise do Tema na língua portuguesa. Embora certas particularidades da língua inglesa não existam no vernáculo, como, por exemplo, o pronome expletivo *it* ou o finito *do, did, can*.

Há, ainda, poucos estudos sobre a manifestação do Tema no vernáculo e alguns deles discutem diferentes posturas teóricas, levando em conta as peculiaridades da língua portuguesa (VENTURA; LIMA-LOPES, 2002; BÁRBARA; GOUVEIA, 2001; GOUVEIA; BÁRBARA, 2001; LIMA-LOPES, 2001)).

Por exemplo, conforme apontam os pesquisadores, a língua portuguesa, dependendo do contexto, pode apresentar sujeito ou apenas o processo em posição inicial. E o processo, dado o sistema de categorias verbais do português, vem carregado com a noção de pessoa (de número e de tempo, também) o que possibilita a recuperação gramatical do sujeito. Essa peculiaridade da língua portuguesa não é prevista na teoria de LSF de Halliday, onde o processo como Tema é visto como ocorrência rara, restringindo-se ao imperativo e ao uso de mais que um processo para um mesmo agente.

É interessante notar que na língua japonesa, embora linguisticamente não haja marcas de pessoa no verbo, um intrincado sistema de linguagem de tratamento marca o verbo em seu aspecto discursivo, de forma a facilitar a inferência gramatical do sujeito. Assim sendo, podemos dizer que a omissão do sujeito em língua japonesa é a regra e não a exceção (HORI, 1995). Contudo, Teruya (2007) analisa como elíptico o sujeito não explicitado na oração.

No presente trabalho, adotamos, para a análise, a posição de Bárbara & Gouveia (2001) quanto a considerar o sujeito elíptico como Tema.

3. O conto

Conto é um gênero narrativo breve, com unidade de construção, efeito principal no meio da narração e forte acento final (EIKHENBAUM, 1978, apud GOTLIB, 2006, p. 39-40). Para Tchekhov (1966, apud GOTLIB, 2006, p. 42-43), o conto é um gênero breve, forte, compacto e deve "causar impressão total no leitor" que será sempre "mantido em suspense"

O conto *Kami* foi escrito em 1924 por Yasunari Kawabata e integra a coletânea *Tenohira no shôsetsu*, composta por 122 contos, escritos entre 1923 e 1964. Trata-se de contos brevíssimos, cuja maioria não ultrapassa 30 linhas. A temática desses contos é variada, o conteúdo é denso e veiculado por parágrafos e orações curtos, marcados por muitas repetições. Essa característica de brevidade já é introduzida pelo próprio título da coletânea, pois *tenohira* significa palma da mão. Assim, os contos caberiam, de tão curtos, na palma da mão. Esse tipo de produção literária, segundo o próprio autor, se origina como um substituto da poesia que todo jovem escritor japonês costumava praticar no início da carreira literária.

A tradução da coletânea data de 2008, **Contos da Palma da Mão**, por Meiko Shimon e o conto em pauta recebeu em português o título de *O cabelo*.

Kami é breve, compacto, mantém o leitor em suspense e sua construção apresenta o "efeito principal no meio da narração", com a ida da cabeleireira ao encontro de seu homem e "um forte acento final", quando mineiro e cabeleireira passam a ser homem e mulher, um a demonstrar ciúme e outro a saboreá-lo.

4. Metodologia

4.1. O corpus

O corpus de análise é constituído pelo conto *Kami*, de Yasunari Kawabata e por sua tradução para o vernáculo, sob o título *O cabelo*. O texto original tem 27 orações, distribuídas em 15 parágrafos e a tradução tem 30 orações, com igual paragrafação.

4.2. Procedimentos de análise

As 27 orações do conto original foram transliteradas em alfabeto romano, segmentadas e numeradas para a análise. Cada uma das 27 orações recebeu, logo abaixo e em tamanho de letra menor, uma tradução literal, palavra a palavra e em seguida a nossa tradução entre parênteses. Essa tradução é próxima ao contexto cultural japonês para que se pudesse observar como está estruturado o fluxo de informação do texto original.

As 30 orações do texto traduzido foram segmentadas e numeradas para a análise.

Os Temas foram identificados e grifados segundo a proposta de Halliday (1994) e sua extensão, no que diz respeito à língua japonesa, pelo sistemicista Teruya (2007). As ondas no discurso do texto original e da tradução foram identificadas segundo proposta de Martin & Rose (2003) e a organização da informação foi analisada, contrastivamente, dentro de cada onda.

As escolhas temáticas foram analisadas para se entender a maneira como a informação foi desenvolvida nos dois textos e quais relações e diferenças foram realizadas. Nesse processo de contrastar o original e sua tradução, alguns elementos da transitividade foram também levados em conta, já que escolhas temáticas interferem no sistema de transitividade e que escolhas de processos, por sua vez, também exercem interferência na opção temática.

5. Apresentação e discussão dos dados

A Estruturação Temática do conto *Kami*, de Kawabata Yasunari, se configura por muitos Temas topicais, privilegiando participantes, poucos Temas textuais e interpessoais.

Sendo *Kami* uma narrativa breve, podemos observar uma unidade de construção que apresenta três ondas de informação: a primeira trata das moças se preparando para receber os soldados; a segunda, da cabeleireira que preparou as moças e a terceira, do reencontro da cabeleireira com seu homem.

Onda 1

Hitorino musume ga kami o yuou to omotta.
Yama oku no chiisai mura de aru.
Sono musume wa kamiyui no ie ni itte odoroita. Mura no musume ga mina atsumatte iru.
Kakkou no warui momoware ga atarashiku sorotta sono yo, heitai ga icchûtai kono mura ni tsuita. Murayakuba kara ieie ni wariaterarete tomaru node aru. Tonikaku, mura wa ikken nokosazu okyaku ga aru koto ni naru. Okyaku nazo wa mattaku mezurashii koto da. Sorede musumetachi wa nantonaku kami o yû ki ni Natta no darô.
Mochiron, musumetachi to heitai to no aida ni wa nanihitotsu okorazu, chutai wa akuru asa mura o tatte yama o koete itta.

Uma moça decidiu fazer um penteado.
Era uma pequena aldeia em meio às distantes montanhas.
Quando chegou à casa da cabeleireira, ela se surpreendeu. Moças de toda a aldeia encontravam-se ali reunidas.
Naquela noite, enquanto as cabeças das moças acabavam de ser enfeitadas por penteados *momoware,* um tanto mal feitos, uma companhia de soldados chegava à aldeia. Por decisão da prefeitura, a população hospedou em suas casas os soldados. Assim, todas as famílias, sem exceção, tiveram hóspedes naquela noite. Ter hóspedes era um acontecimento raríssimo. Por isso, as moças foram fazer seus cabelos.
É claro que nada aconteceu entre elas e os soldados. A companhia partiu na manhã seguinte subindo o caminho da montanha.

A primeira onda, compreendendo da oração <01> à oração <11>, não traz a personagem principal, mas adianta sua profissão e a explicita no Rema das orações <03> e <09> O título do conto, *Kami*/*O cabelo*, é o macrotema do texto e serve, também, como macrotema da primeira onda. Há dois hipertemas sob esse macrotema: o primeiro tem *musume*/moça em posição proeminente e o segundo, *heitai*/soldado.

Esse início traz Temas topicais – *hitorino musumega* (uma moça)/*sono musumewa* (essa moça)/*murano musumega* (moças da aldeia)/*heitaiwa* (os soldados) – na maioria participantes, que não serão mais tematizados a partir do segundo momento da narrativa. Esses Temas vêem marcados por *ga* quando indicam informação nova e por *wa* quando marcam a informação dada. Na tradução, o Tema vem realizado pelo GN *moça(s)* ou por pronome *ela*, elíptico (oração <03>) ou não. A informação nessa primeira onda flui intercalando Temas topicais participantes

e circunstâncias. A primeira circunstância localiza a narrativa no espaço (oração <02>) e a segunda no tempo (oração <05>), fundando o espaço físico onde se desenvolverá a ação.

As orações <06> e <07>, do texto traduzido, desenvolvem a informação de maneira diversa do texto original.

<06> *Murayakuba kara ieie ni wariaterarete [heitai wa] tomaru no de aru.*
Repartição Pública da aldeia KARA cada casa NI distribuir SUSP [soldados] pernoitar EXP inf.
(Os soldados, distribuídos pela Repartição Pública local, pernoitaram nas casas.)

<06> Por decisão da prefeitura, a população hospedou em suas casas os soldados.

<07> *Tonikaku, mura wa ikken nokosazu okyaku ga aru koto ni naru.*
seja como for, aldeia WA uma casa deixar de lado Neg. visita GA ter inf. NOM.NI tornar inf.
(Seja como for, em todas as casas da aldeia tinha visita.)

<07> Assim, todas as famílias, sem exceção, tiveram hospedes naquela noite.

No original, a onda tematiza os soldados que chegam à aldeia – Tema da oração anterior – e continua com o foco nos soldados, que é o sujeito elíptico de '*tomaru no de aru*' Na tradução, o processo *pernoitar* é substituído por *hospedar*, cujo sujeito passa a ser '*a população*', alterando o foco da informação dos soldados para a aldeia. Essa alteração de foco ocorre, também, na oração seguinte, com a tradução de '*mura wa ikken nokosazu*' por '*todas as famílias*'

O Tema da oração <02> vai servir para determinar Temas posteriores, como na oração <04> – *mura no musume/moças da aldeia* e fazer parte do conteúdo de Remas posteriores. Aparecem, ainda, na Onda 1 dois Temas textuais – *tonikaku/ assim* (oração <07>) e *sorede/por isso* (oração 09>) que dão coesão textual ao conto.

A primeira onda termina com a intromissão do narrador, configurando um Tema interpessoal, tanto no original quanto na tradução.

<10>*Mochiron, musumetachi to heitai to no aida ni wa nanihitotsu okorazu,*
obviamente, moças TO soldados TO NO entre NI WA nada acontecer NEG,
chûtai wa akuruasa mura o tatte yama o koete itta.
companhia WA seguinte manhã aldeia O partir SUSP.montanha O transpor SUSP ir Pass.

(Obviamente, entre as moças e os soldados, nada aconteceu e a Companhia, na manhã seguinte, partiu da aldeia transpondo a montanha.)

<10> É claro que nada aconteceu entre elas e os soldados.

<11>A companhia partiu na manhã seguinte subindo o caminho da montanha.

O Tema interpessoal *mochiron/É claro* quebra o que poderia ser esperado da narrativa pelo leitor desde o seu início – as moças foram refazer seus penteados para esperar pelos soldados e talvez por algo que pudesse acontecer entre eles – e com a informação nova do Rema da oração principal – *akuruasa mura o tatte yama o koete itta* – finaliza a primeira onda de informação da narrativa, esclarecendo que os soldados partiram na manhã seguinte. O uso de *mochiron* implica em considerar que 'nem é necessário dizer que' nada acontecera entre as moças e os soldados, o que nos leva a pensar em uma tradução como *obviamente*, pois é algo que é evidente, um tom neutro. Na tradução, a oração vem introduzida por *é claro*, marcando fortemente a quebra da expectativa que vinha sendo construída pelo leitor, com o refazer dos penteados e a chegada dos soldados, acrescentando um tom de crítica a essa expectativa.

Na tradução, a oração <10> é desdobrada em duas orações, <10> e <11>, não aparecendo elo coesivo entre elas. No original, o Tema se configura por um Tema interpessoal (*mochiron*) e por um Tema topical (*musume tachi to heitai to no aida ni wa*). Na tradução, o Tema interpessoal se mantém, mas o topical passa a fazer parte do Rema. Contudo, a informação nova é somente 'nada aconteceu', pois as moças e os soldados vêm sendo tematizados em sequência, anteriormente. Assim sendo, nos parece natural que na tradução "entre elas e os soldados" também anteceda a transitividade, criando um clima de suspense que será desvendado pela transitividade.

O Tema interpessoal da oração <10> também serve para criar novas expectativas, já que os soldados continuaram seu caminho, cruzando a montanha. Pois, se, desta feita, nada aconteceu entre as moças e os soldados, algo poderá vir a acontecer entre eles e outras moças.

Onda 2

Shikashi, guttari tsukareta kamiyui wa, korede yokkakan wa marude hima da to omotta. Hataraita ato no tanoshii kimochi de, heitai to onaji asa onaji yama o basha ni yurarete otoko ni ai ni itta.

Yama mukou no sukoshi ôkii mura ni tsuku to, sono mura no kamiyui ga itta.

"Mâ, ureshii. Honto ni iitokoro he oide da. Sukoshi tetsudatte okure yo."

Koko nimo yama no musumetachi ga ippai atsumatte iru.

Sokode mata yûgata made momoware o koshiraete, otoko ga hataraite iru sono mura no chiisai ginkô e itta. Otoko o miru to kamiyui wa sugu ni itta.

A cabeleireira, completamente exausta, resolveu tirar quatro dias de folga. Satisfeita com o trabalho realizado, ela partiu na mesma manhã que os soldados, transpondo a mesma montanha, balançando-se na carruagem, para se encontrar com seu amante.

Assim que chegou a uma aldeia um pouco maior que a dela, do outro lado da montanha, a cabeleireira local lhe disse:

– Ah, que bom! Chegou na hora certa. Me ajuda aqui um pouco.

O salão dessa aldeia também estava cheio de moças montanhesas que aguardavam a sua vez para pentear os cabelos.

E assim, até o entardecer, ela fez os *momoware*. Depois, foi para a pequena mina de prata da aldeia, onde trabalhava seu homem. Logo que o viu, a cabeleireira foi dizendo:

O macrotema *kami* /cabelo se mantém nessa onda, cujo hipertema é *kamiyui* /cabeleireira.

O Tema topical mais frequente da segunda onda – *kamiyui* (cabeleireira) – aparece pela primeira vez no Rema da oração 3, mas já está presente no Rema da oração <01>, através do correlato *kami* (cabelo), que também faz parte do Rema da oração <09> e da circunstância que protagoniza o Tema topical da oração <05> - ...*momoware ga*...(penteado estilo pêssego partido). O Tema topical *kamiyui* (cabeleireira) aparece na oração 11, marcado por *wa*, pois já é Dado e conforme Teruya (2007:118), o Dado é sempre opcional, o que leva à elipse do Tema das orações seguintes.

Essas referências anteriores à cabeleireira antecipam o hipertema da segunda onda narrativa que se inicia na oração <11> com um Tema textual configurado por uma conjunção adversativa – *shikashi* (mas) – cujo efeito é instaurar um novo foco para a narrativa, agora centrado na cabeleireira e que segue até a oração <19> Na tradução, a segunda onda se inicia na oração <12> e segue até a oração <21>. Na tradução, a oração <12> não traz o Tema textual configurado pela conjunção adversativa ˙mas´, introduzindo diretamente a cabeleireira como Tema topical.

Mori & Nakagawa (1993), discutindo as funções da conjunção *shikashi*, estabelecem como uma delas a função contrastiva com duas vertentes: o contraste direto e o indireto. Os autores creditam contraste indireto às construções com *shikashi* cuja relação de contraste não é explícita, mas inferível. Isto é, a partir de uma atitude do falante/escritor uma relação de contraste se estabelece no processo cognitivo do ouvinte/leitor, levando este a inferir a intenção daquele.[8] A oposição sinalizada pela conjunção adversativa é relevante para a construção de sentido nessa onda que consiste no efeito principal da narração. Entre as moças e os

---

8. Mori & Nakagawa citam como exemplo de contraste indireto, (a) o uso no qual alguns itens do contraste não se apresentam. Exemplo: (1) *Jiko ga atta. Shikashi keganin wa denakatta*. (Houve um acidente. Mas não houve vítimas.). (b) uso no qual a oração encabeçada por *shikashi* pode ter ambas as polaridades. Por exemplo: (2) *Kare wa kawa de oboreta*. (Ele se afogava no rio.) (2a) *Shikashi tamatama hito ga tôrikakatta*. (Mas, acidentalmente, alguém passou.); (2b) *Shikashi daremo tôrikakaranakatta*. (Mas ninguém passou.)

soldados nada aconteceu, obviamente; já com a cabeleireira que tirou uns quatro dias de folga, os acontecimentos são levados ao plano do devir, o que é denotado pela conjunção adversativa.

Não é objeto de nossa investigação neste artigo, mas vale observar que na oração <11> do texto original aparece o morfema *wa* ligado a *yokkakan*. Esse wa configura um morfema de efeito modalizador, cuja função não é considerada na tradução, resultando em uma oração assertiva. O processo mental do original – *omou*/pensar, achar, supor – corrobora essa asserção com o emprego de 'resolver', como pode ser observado a seguir.

<11> *Shikashi, guttari tsukareta kamiyui wa, kore de*
mas, totalmente cançar Pass cabeleireira WA, isso DE
yokkakan wa marude himadato omotta.
quatro dias WA total folga Fin TO pensar Pass.
(Mas, a cabeleireira, completamente exausta, pensou que com isso poderia ter uns quatro dias de folga.)

<12> A cabeleireira, completamente exausta, resolveu tirar quatro dias de folga.

Comparando a oração <16> do texto original com a sua correspondente na tradução (<17>), vemos que o Tema do original é o que Halliday aponta como sendo o Predicador na função Temática. Trata-se de uma oração imperativa que na estrutura de *mood* tem o Predicador, realizando um Tema não marcado. A oração <16> configura, em termos interpessoais, um pedido de serviço pelo uso do imperativo acrescido de um valor discursivo de insistência, através do uso de *yo*. Na tradução também temos o imperativo, mas o beneficiário o antecede, marcando o Tema. Tematizando o beneficiário, a tradução evidencia a cabeleireira dessa outra aldeia, enquanto que o original evidencia a cabeleireira anterior, que constitui Tema desde a primeira onda.

<16> "*Sukoshi tetsudatte okureyo.*"
um pouco ajudar SUSP. HON.fazer favor IMP. INSIST.
(Faz-me o favor de ajudar um pouco!)

<17> Me ajuda aqui um pouco.

Voltando ao texto original, na oração <17>,

<17> *Koko nimo yama no musumetachi ga ippai atsumatte iru.*
aqui também montanha NO moças GA muitas reunir SUSP ASP.
(Aqui também, as moças montanhenses estavam reunidas em grande número.)

temos um Tema múltiplo, composto de dois elementos experienciais. O primeiro – *kokonimo* – expressa uma circunstância de lugar, marcada por *nimo* e o segundo um participante marcado por *ga* (outra aldeia, outras moças, configurando informação nova). Para Halliday (1994), o Tema contém um, e apenas um, elemento experiencial, ou seja, constitui Tema da oração o primeiro constituinte da transitividade, ou o participante, ou a circunstância ou o processo. Contudo, Teruya (2007) aponta que o Tema na língua japonesa, além da posição, inclui o elemento marcado por *wa/ga* e acrescenta que o "foco da informação" pode vir marcado por outros morfemas que carregam várias conotações como *mo*, *sae*, *dake*, dentre outros (2007:114), que são chamados de "marcadores de foco" Assim, segundo Halliday, poderíamos ter na oração <17> um Tema topical – *kokoni* (aqui) – e um Tema textual – *mo* (também). Porém, segundo Teruya, teríamos um Tema topical – *kokonimo* – expressando o foco da informação (nessa aldeia também acontece a mesma coisa) e um Tema topical realizado por um participante – *yama no musumetachi ga*.

A tradução desenvolve de maneira diferente o fluxo da informação.

<18> <u>O salão dessa aldeia</u> também estava cheio de moças montanhesas que aguardavam a sua vez para pentear os cabelos.

A circunstância passa de lugar 'aldeia na montanha' a parte desse lugar, ou seja, o salão de outra cabeleireira em outra aldeia em meio a outras montanhas. O ator *yama no musumetachi ga* que no original faz parte do Tema, na tradução é deslocado para o Rema. O que no original fica apenas sugerido pelo fato de estarem reunidas – e a sugestão é um traço característico e caro ao autor – fica explicitado pelo acréscimo da oração subordinada adjetiva *que aguardavam a sua vez para pentear os cabelos*, que não consta do original.

A segunda onda termina com as orações <18> e <19> no original, que correspondem às orações <19>, <20> e <21> no texto traduzido.

<18> *<u>Sokode mata yûgata made</u> momoware o koshiraete, otoko ga*
então novamente entardecer MADE *momoware* O preparar SUSP., homem GA
hataraite iru sono mura no chiisai ginkô e itta.
trabalhar SUSP ASP essa aldeia NO pequena mina E ir Pass.
(Então, novamente até o entardecer, (ela) preparou os penteados e foi para a pequena mina da aldeia, onde estava trabalhando o (seu) homem.)

<19> *<u>Otoko o miru to</u> <u>kamiyui wa</u> sugu ni itta.*
homem O ver Cond TO cabeleireira WA logo NI dizer Pass Inf.
(Ao ver o homem, a cabeleireira logo foi dizendo (:))

<19> E assim, até o entardecer, ela fez os *momoware*.
<20> Depois, foi para a pequena mina de prata da aldeia, onde trabalhava seu homem.
<21> Logo que o viu, a cabeleireira foi dizendo:

Neste trecho, não há grandes diferenças em termos de tipo de Tema, mas sim em termos de escolhas lexicais para a sua realização. O Tema interpessoal *mata*, embora não apareça na tradução, é importante para construir o sentido da terceira onda. Tendo penteado as moças de sua aldeia e *novamente/mata* tendo de fazê-lo nesta outra aldeia, a cabeleireira infere que seguindo os soldados acabará ficando rica de tanto trabalhar. Na oração <19> do original, o advérbio *logo* vem modificando o verbo dizer, mas na tradução, oração <21> vem como Tema, em forma de conjunção *logo que*, com o sentido de 'assim que o viu', modificando, pois, o verbo ver, que aparece no primeiro Tema da oração <19>, *otoko o miru to*, configurando uma circunstância de tempo.

Onda 3

"Watashi, heitai ni tsuite ikeba ôganemochi ni naru to omou yo."
"Kuttsuite ikû? Fuzakeru nai. Kiiroi fuku no aonisai ga ê no ka. Baka."
Otoko wa pokari to kamiyui o nagutta.
On'na wa kutakuta ni tsukareta karada ga shibireru you na amai kimochi de otoko o niramitsuketa.
– Yama o orite kougun shite kuru rashii heitai no, kiyoraka na, chikara ni michita rappa ga, mura no yûyami ni hibiite kita.

– Tenho certeza de que se eu for atrás dos soldados ficarei muito rica.
– Vai atrás do... quê? Tá me gozando? Você gosta mais dos frangotes vestidos de cáqui do que de mim? Burra!
E deu um safanão na cabeleireira.
Com uma doce sensação de entorpecimento no corpo extenuado pelo cansaço, ela fitou desafiante o seu homem.
Nesse instante, ouviu-se o som da corneta dos soldados que vinham descendo a encosta da montanha em marcha forçada. Um som límpido e cheio de vigor, que ecoava na penumbra da aldeia.

A terceira onda corresponde ao "acento final" da definição de conto de Eikhenbaum (1927) e compreende as orações <20> a <27>, no original, e <22> a <30> na tradução. Sob o macrotema *kami*/cabelo, há dois hipertemas: *kamiyui*/ cabeleireira e *otoko*/(seu) homem.

Nessa onda, os Temas, com exceção do Tema da oração <22>, são topicais, privilegiando participantes, ora explícitos, ora elípticos. O Tema da oração <20> é configurado sem a marca do morfema *wa*. Trata-se da fala da cabeleireira e a omissão do morfema é fato típico da oralidade (Teruya, 2007, p.50). A informação nova, contida no Rema – *enriquecer se seguir a Companhia* – desencadeia o mal entendido. O Tema *eu* está elíptico na tradução e a suposição sinalizada por *to omou* surge como uma assertiva, *tenho certeza*.

<20> *"Watashi, heitai ni tsuite ikeba ôganemochi ni naru to omou yo."*
eu soldado NI seguir Cond BA muito rica NI tornar inf. TO achar inf. INSIST.
(– Eu acho que se for atrás dos soldados, ficarei muito rica, viu!)

<22> – Tenho certeza de que se eu for atrás dos soldados ficarei muito rica.

A resposta do homem é desenvolvida de forma diversa no original e na tradução.

<21> *"Kuttsuite ikû?* <22> *Fuzakeru nai.* <23> *Kiiroi fuku no*
agarrar SUSP ir? fazer chacota inf. Neg. cáqui vestimenta NO
aonisai ga ê no ka. <24> *Baka."*
fedelho GA bom NO Interr. Boba!
(Ir junto? Não gozes. Os fedelhos de farda amarela são bons, é? Boba!)

<23> - Vai atrás do... quê? <24> Tá me gozando? <25> Você gosta mais dos frangotes vestidos de cáqui do que de mim? <26> Burra!

Nas orações <21/23> e <22/24>, o Tema é elíptico e se refere à cabeleireira. Em ambas, a cabeleireira é ator. A oração <23> tem como Tema topical *os fedelhos de farda amarela* e *a cabeleireira* é beneficiária. Na tradução, o Tema é *você* (cabeleireira) e os *frangotes* fazem parte do Rema. A tradução efetiva uma comparação entre os *frangotes* e o homem (*mim*), enquanto que no original a configuração é de uma interrogativa sobre os *fedelhos*. A oração <26> é uma "*minor sentence*", tanto no original quanto na tradução e, portanto, não passíveis de análise.

As orações <25> e <26>, do texto original, têm como Temas os participantes: o homem (*otoko wa*) que demonstra o ciúme e a mulher (*on 'na wa*) que o saboreia. O emprego da partícula *wa* implica em um contraste entre as atitudes do homem e da mulher. Na tradução, o fluxo da informação se desenvolve de maneira diversa. Em lugar de Temas topicais configurados por participantes, temos processos, adjuntos e circunstâncias.

<25> *Otoko wa pokari to kamiyui o nagutta.*
homen WA som da batida TO cabeleireira O bater Pass inf.
(O homem deu um safanão na cabeleireira.)

<26> *On'na wa kutakuta ni tsukareta karada ga shibireru you na*
mulher WA completamente NI cansar Pass corpo GA entorpecido como se
amai kimochi de otoko o niramitsuketa.
doce sentimento DE homem O olhar desafiante Pass inf.
(A mulher, com uma doce sensação de entorpecimento no corpo extenuado pelo cansaço, fitou desafiante seu homem.)

<27> – E deu um safanão na cabeleireira.

<28> Com uma doce sensação de entorpecimento no corpo extenuado pelo cansaço, ela fitou desafiante o seu homem.

A oração <27> pode ser considerada o epilogo da narrativa:

<27> – *Yama o orite kougun shite kuru rashii heitai no, kiyoraka na,*
montanha O descer SUSP marchar SUSP ASP parecer soldados NO límpida
chikara ni michita rappa ga, mura no yûyami ni hibiite kita.
força NI repleta corneta GA aldeia NO escuridão NI ecoar SUSP ASP.Pass.
(– A corneta, forte e límpida, dos soldados que pareciam vir marchando montanha abaixo, ecoou pela escuridão da aldeia.)

<29> Nesse instante, ouviu-se o som da corneta dos soldados que vinham descendo a encosta da montanha em marcha forçada. <30> Um som límpido e cheio de vigor, que ecoava na penumbra da aldeia.

O Tema é topical configurado pelo grupo nominal corneta (*rappaga*) que vem modificado pelos adjuntos *forte*, *límpido*, *dos soldados* que marcham descendo a montanha. Ele configura uma informação nova, mas que tem ligação com outros elementos inseridos durante as duas primeiras ondas da narrativa. O Rema tem um núcleo Novo – *yûyami ni hibiite kita*. Metaforicamente traz ao leitor a sensação de continuidade das situações vividas nas aldeias, em relação à presença dos soldados e abre as possibilidades de um desfecho para o conto. O que ecoa na escuridão da noite, pode ser tanto a consumação do reencontro da cabeleireira com o seu homem, como o acatar das insinuações do mineiro. Na tradução, a corneta passa a ser parte do Rema e o Tema é configurado por uma circunstância, inexistente no original. A oração original configura duas na tradução e a segunda tematiza o som da corneta, *um som límpido e cheio de vigor,* que é parte do Rema da oração anterior.

O original tematiza 'corneta' o que faz com que o foco se distancie dos participantes 'homem' e 'mulher' Na tradução, o foco permanece nos participantes, embora de forma indeterminada – *ouviu-se* – e surge o adjunto circunstancial *nesse instante*, cuja função nos parece a de estabelecer um elo coesivo com o texto. É interessante notar que o original não busca por elos coesivos, servindo-se, apenas, de um travessão para iniciar o parágrafo, o que parece reforçar o sentido de epílogo e tematizando a corneta, deixa a narrativa no plano da ambiguidade, traço típico da literatura de Kawabata.

6. Considerações finais

A análise da Estruturação Temática de um conto em língua japonesa contrastivamente com sua tradução não se presta a generalizações sobre a Estruturação Temática do gênero conto, mas pode nos oferecer um panorama de como se estrutura uma narrativa curta. Vimos que, independentemente do momento narrativo, os Temas topicais que privilegiam participantes são a maioria. Essa tendência na língua japonesa já foi apontada por Li (1976, apud BAKER, 1992). Entremeados a eles, os Temas topicais que indicam circunstâncias aparecem para situar a narrativa no espaço ou o tempo. Temas textuais aparecem em posição inicial, sem marcas morfológicas no caso da língua japonesa, e contribuem para amarrar o conteúdo já narrado ao que se lhe segue, por exemplo, em temos de relação temporal (oração 5), expositiva (oração 7), continuativa (oração 9 e 18) ou adversativa (oração 11), dentre outras. Os Temas interpessoais projetam a avaliação do autor frente ao desenrolar da narrativa no texto original, mas nem sempre são contemplados na tradução ou se contemplados, por vezes, acarretam sentido diverso do original.

Podemos dizer que a tradução, de maneira geral, explicita escolhas temáticas similares às do texto original, mais acentuadamente no nível macrotemático do que no nível oracional. Contudo, a tradução cria representações diferentes na medida em que traz para o leitor uma versão mais "explicativa" da ambiguidade típica de Kawabata, como se pode ver, por exemplo, na escolha de 'o salão dessa aldeia' para *kokonimo/aqui também* ou tematizar *todas as famílias* para *mura wa/a aldeia*.

Referências bibliográficas

BÁRBARA, L.; GOUVEIA, C. It Is Not There, but [it] Is Cohesive: the Case of Pronominal Ellipsis of Subject in Portuguese. In: **DIRECT Papers 46**, PUCSP, BR & AELSU, University of Liverpool, UK, 2001.

GOUVEIA, C.; BARBARA, L. Marked or Unmarked That Is Not the Question, the Question Is: Where's the Theme? In: **DIRECT Papers 45**, PUCSP, BR & AELSU, University of Liverpool, UK, 2001.

BAKER, M. **In Other words – a Course on Translation**. (Em Outras Palavras – um Curso Sobre Tradução). London: Routledge, 1992.

DANEŠ, F. On Prague School Funcionalism in Linguistics. (Sobre a Escola Funcionalista de Praga na Linguística). In: Dirven, R.; Fried, V. (eds.). **Functionalism in Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p.3-38.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. (Uma Introdução à Linguística Sistêmico Funcional). London: Cassel Imprint, 1994.

FIGUEREDO, G. The Flow of Information in Brian Aldiss' **Supertoys Last All Summer Long** and its translation into Brazilian Portuguese. In: **33rd International Systemic Functional Congress**. PUCSP, 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos> . Acesso em: 17 jul. 2009.

FRIES, P. On Theme, Rheme and Discourse Goals. (Sobre Tema, Rema e Metas Discursivas). In: Coulthard, M. **Advances in Writen Text Analysis**. 1ª.ed.London: Routledge, 1994. cap.15, p.229-249.

_____ A personnal view of Theme. (Uma Visão Pessoal de Tema). In: Ghadessy, M. (Ed.). **Thematic Development in English Texts**. London: Pinter, 1995, p. 1-19.

FUKUDA, K. **Theme-Rheme Structure – A Functional Approach to English and Japanese**. Niigata: Niigata University, 2006.

GOTLIB, N. B. **Teoria do Conto**. 11ª Ed. São Paulo: Ática, série Princípios, 2006.

HALLIDAY, M.A.K. Language Structure and Language Function. (Estrutura e Função da Linguagem). In: Lyons, J. **New Horizons in Linguistics**. 7a. ed. (1a.ed.1964) Middlesex: Penguin Books Ltd, 1970. cap.7, p.140-165.

_____. **An Introduction to Functional Grammar**. (Uma Introdução à Gramática Funcional). London: Edward Arnold, 1994.

_____; MATTHIESSEN, C.M.I.M. **An Introduction to Functional Grammar**. (Uma Introdução à Gramática Funcional). London: Edward Arnold, 2004.

HORI, M. Subjectless and Honorifics in Japanese: A case of Textual Construal. In: Hasan, R. & Fries, P. (eds.). **On Subject and Theme – A Discourse Functional Perspective,** Amsterdan: John Benjamins, 1995.

KAWABATA, Y. Kami, Tenohira no Shôsetsu. In: **Kawabata Yasunari Zenshû 1, Nihon Bungaku Zenshû** 39. Tokyo: Shûeisha, 1966.

_____ O Cabelo. In: **Contos da Palma da Mão**. Tradução Meiko Shimon, São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

KUNO, S. **Nihon Bunpô Kenkyû** (Estudos de Gramática Japonesa). Tokyo: Taishukan, 1973.

MARTIN, J. **English Text: System and Structure**. (Textos em Inglês: Sistema e Estrutura). Amsterdan: Benjamins, 1992.

MARTIN, J.; ROSE, D. **Working with Discourse: Meaning Beyond the Clause**. (Trabalhando com discurso: o significado além da oração). London: Continuum, 2003.

MARTIN, S. E. **A Reference Grammar of Japanese**. (Uma Gramática Referencial do Japonês). Honolulu: University of Hawaii Press, 2004 (1ª.ed.1988).

MIKAMI, A. **Zô wa Hana ga Nagai**. (Quanto ao Elefante, o [seu] Nariz é Longo). Tokyo: Kuroshio Shuppan, 1960.

MORI, T.; NAKAGAWA, H. **Constraint of the Japanese Conjunction "shikashi (but)"** 1993. Disponível em: <http://www.forest.eis.ynu.ac.jp/~mori/pub/pdf/PACLING_1993.pdf.>. Acesso em: 11 nov. 2009.

MUKAI, Y. **O Morfema WA da Língua Japonesa**: Suas Funções do Ponto de Vista da Estrutura Informacional. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP. São Paulo: 2003.

_____. O Morfema de Topicalização *wa* – Um Breve Histórico. In: **Estudos Japoneses**, n.22. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP, 2002, p. 113-145.

_____. Análise do Morfema "WA" da Língua Japonesa do Ponto de Vista Pragmático-Discursivo. In: **Estudos Japoneses**, n.23. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP, 2003, p. 91-120.

PAGANO, A. Organização Temática e Tradução. In: Alves, F., Magalhães, C. M., Pagano, A.(org.). **Competência em Tradução: Cognição e Discurso**. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2005, p. 247-299.

ROSE, D. Some variation in Theme Across Languages. (Variações de Temas nas línguas). In: Benjamins B.V., J. **Functions of Language**. Amsterdam, 2001. cap.8, p. 109-145.

SASAKI, M. An analysis of Realization of Theme in Japanese. In: **The Faculty Journal of Aichi Gakuin Junior College**, No.4. Aichi, 1996.

SHIBATANI, M. **Syntax and Semantics – Japanese Generative Grammar**. (Sintaxe e Semântica – Gramática Gerativa do Japonês). vol.5. New York: Academic Press, 1976.

SIQUEIRA, C. P. **Análise Temática em Estudos de Tradução: o Caso dos Relatórios Anuais de Empresas Brasileiras**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2000.

SOUZA, S. M. P. **A Organização da Mensagem em Anúncios e Cartas de Pedido de Emprego – um Estudo Transcultural**. Tese de Doutorado. PUC-SP, 1997.

TERUYA, K. **A Systemic Functional Grammar of Japanese**. London & New York: Continuum, 2007.

THOMSON, E.A. **Theme Unit Analysis:** a Systemic-functional Treatment of Textual Meanings in Japanese. 2005. Disponível em: <http://ro.uow.edu.au/artspapers/135> Acesso em: 10 out. 2009.

_____. Testing for Theme in Japanese. In: **Sekai no Nihongo Kyôiku**, no.8, 1998. Disponível em: <http://www.jpf.go.jp/j/japanese/survey/globe/08/13.pdf.>. Acesso em: 10 out. 2009.

VENTURA, C. S. M.; LIMA-LOPES, R. E. O Tema: Caracterização e Realização em Português. In: **DIRECT Papers 47**, PUCSP, BR & AELSU, University of Liverpool, UK, 2002.

WATANABE, M. **Kokugo Kôbunron**. (**Teoria Sintática da Língua Japonesa**). Tokyo: Haniwa, 1971.

Anexo 1 - Notações Morfológicas

ASP	aspecto – (suspensivo: *shite*) + *iru*, *aru*, *oku*, etc.
COMP	comparação – *yôni*
Cond	condicional – (infinitivo)+ *TO* / (v+e)+ *BA*
CONF	confirmação
CONJ	conjectura – *darô/deshô*
EXP	explanação – *no da/n da*
EXPCT	expectativa
Fin	finalizador (*da/desu*)
HON	honorífico

IMP	imperativo
INF	infinitivo
inf.	informal
INSIST	insistência
Interr	interrogativo
NEG	negociação
Neg.	negativo
NOM	nominalizador – *no, koto*
Pass	Passado
PROB	probabilidade
SUSP	suspensivo
Vol	volitivo

Morfemas:

GA – caso nominativo

Modalizadores finais:

NI – caso dativo/locativo

WA – insistência moderada

E – diretivo

ZE – insistência forte

TO – reciprocidade/companhia/citação

NE - confirmação

DE – instrumento/meio/locativo

YO – insistência/convencimento

KARA – caso ablativo

MADE caso ablativo

O – caso acusativo

WA – marcador de tópico

NO – caso genitivo